



DAR AULAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pedro Rodrigo Cancela

Mestre em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

pedrocancela@yahoo.com

Como citar este artigo:

Cancela, P. (2020/21). Dar aulas em tempo de pandemia. *geTup, Revista de Educação Geográfica UP*, 5/6, 101-104.

ISSN: 2184-0091

DOI: <https://doi.org/10.21747/21840091/geo5a8>

No começo do mês de fevereiro assisti na televisão, tal como muitos milhões de pessoas por todo o mundo, aos apelos desesperados de uma mãe chinesa. Esta senhora tentava convencer as autoridades policiais a que a deixassem “furar” um cerco sanitário imposto pelo governo de Pequim para toda a província de Hubei. Perante a recusa da polícia chegou a implorar que permitissem pelo menos à sua filha, doente e fragilizada por uma leucemia, sair de Hubei e receber tratamento hospitalar na província vizinha de Jiangxi. Finalmente, acabou por lhes ser concedida a permissão para se deslocarem a um hospital de Jiujiang. Na cidade de Wuhan, considerada o epicentro de uma vaga de mortes causadas por um surto de pneumonia, todos os hospitais foram necessários para combater as numerosas infeções relacionadas com um novo vírus. Pacientes com outras patologias eram relegados para segundo plano. Nesse início de fevereiro registavam-se em Hubei mais de dez mil infetados por um novo vírus da família dos coronavírus, que originam uma doença hoje denominada COVID-19 (CO de corona, VI de vírus, D de doença e 19 por terem sido detetados os primeiros casos no final de 2019) e cerca de trezentos mortos, sensivelmente, o mesmo número de infetados e de mortos que se registaram em Portugal, no início de abril. Um pouco por toda a China tentam-se minimizar as deslocações, numa altura em que se regista nesse país a maior migração interna temporária do Mundo, associadas ao fim de ano chinês e ao costume ancestral de visitar as famílias. Confesso que perante as primeiras reportagens sobre este novo vírus tudo me pareceu assustador, mas, ao mesmo tempo, longínquo da minha realidade. Tudo em Portugal e nos países vizinhos se desenrolava como sempre: as rotinas de trabalho e de estudo mantinham-se inalteradas, os planos de viagem não precisariam ser modificados. Os meios de comunicação dedicavam o seu tempo de antena ou as suas páginas a comentar escândalos financeiros relacionados com Angola ou a recorrente discussão sobre um novo aeroporto para Lisboa.

Com a chegada do mês de março assiste-se a uma difusão do novo vírus que partindo de Wuhan se espalha a todos os continentes. Registam-se casos nos países mais conectados com a China e com particular incidência em regiões ou cidades com ligações a Wuhan. Na Europa, o caso da Lombardia - e de cidades como Milão, com uma rota aérea direta a ligá-la a Wuhan, ou Bérgamo onde se situa o movimentado Aeroporto de Orio al Serio - é catapultado para os meios de comunicação quando os seus hospitais são confrontados com um elevado número de novos pacientes, muitos dos quais em estado

crítico. Os hospitais italianos recebem num curto espaço de tempo um número bastante elevado de doentes em estado grave, número bem acima da sua capacidade de resposta. A Lombardia torna-se o primeiro território europeu ao qual foi imposta uma quarentena a toda a população. Mas, num mundo globalizado e onde se viaja cada vez mais longe e com maior frequência, a difusão de um novo vírus acompanha a rapidez com que nos deslocamos. Não é necessário esperar muitos dias para encontrar casos de infeção em praticamente todos os países do mundo, com uma incidência notória na Europa, nomeadamente na Europa Ocidental, mas também no Médio Oriente e na América do Norte.

Já no contexto de pandemia sou confrontado com constantes dúvidas por parte dos meus alunos. Na escola francesa do Porto (*Lycée Français Internationale de Porto*) leciono História e Geografia a alunos do terceiro ciclo do ensino básico. Neste ano letivo de 2019/2020, com os alunos do sétimo ano, foram abordados, em Geografia, os temas do ‘crescimento demográfico e as suas consequências’, a ‘distribuição da riqueza e da pobreza no mundo’, as ‘alterações globais e as principais repercussões geográficas’ ou ainda a ‘prevenção dos riscos industriais, tecnológicos e naturais’. São estes mesmos alunos que mais me interpelam sobre o que está a acontecer. Temos informação e material suscetível de enriquecer as nossas aulas de Geografia a um ritmo alucinante. De repente, todos os capítulos de Geografia parecem convergir e dar o seu contributo para apreender o novo fenómeno que nos envolve a todos. A própria cidade de Wuhan, referida nos meios de comunicação como nunca antes, tinha servido de exemplo numa aula de Geografia dedicada ao crescimento urbano. Conhecida como a “Chicago da China”, por ser um importante entroncamento de linhas ferroviárias, Wuhan é uma cidade dinâmica e com um fulgor industrial e científico assinalável. Ocupa o 9º lugar na lista das cidades chinesas mais habitadas, o que explica em parte a rápida difusão do novo coronavírus.

A segunda semana de março é uma semana atípica. A cada dia que passa, vejo as salas de aula esvaziarem-se de alunos, que cumprem isolamento social. O dia 13 de março, uma sexta-feira que precede em 48 horas a confirmação de “pandemia”, declarada pela Organização Mundial de Saúde, é o último dia de aulas em regime presencial deste ano letivo. Na hora do almoço, uma reunião com carácter urgente, organizada pela Direção, junta todos os professores da escola. Fica decidido, tendo em conta os tempos incertos que se avizinham e respeitando as indicações da Direção Geral de Saúde, que a partir da segunda-feira seguinte todas as aulas devem ser dadas à distância e é feito um pedido para assegurarmos a continuidade pedagógica, respeitando ao máximo os horários. Devemos usar o e-mail profissional, o site da escola e, sobretudo, fazer tudo o que for possível para assegurar que os alunos possam concluir o terceiro período (recém iniciado) da melhor forma. São disponibilizados computadores portáteis para professores ou alunos que o necessitem e a escola compromete-se a manter um contato regular por telefone e por e-mail com todos os professores. Também nos é proposta a utilização do *Google Classroom* que permite o armazenamento de mais ficheiros do que o site da escola e a possibilidade de utilização da aplicação MEET para criar aulas em direto.

Como o uso de recursos digitais era já muito explorado na preparação e no desenrolar das aulas, considero que a transição das aulas presenciais para as aulas à distância foi muito facilitada e processou-se de um modo mais suave, tanto para mim enquanto docente, como para os alunos. A minha estratégia foi a de ser o mais explícito possível nas atividades propostas, colocar os sumários e os exercícios a realizar, com antecedência, e manter um contato regular com os alunos, por e-mail e através das vídeo-aulas. Redobrei a personalização das aulas e mantive uma comunicação clara e encorajadora. Os sumários começam sempre por cumprimentar a turma. Cantamos os parabéns quando há um aniversário, as dúvidas são esclarecidas em direto e os alunos podem, se o pretenderem, usar a câmara ou o microfone para colocarem questões. Tento manter o mesmo ritmo de trabalho e de tempos avaliativos, isto é, uma avaliação no final de cada capítulo, o que dá uma média de duas avaliações por mês.

No final da segunda semana de aulas dadas em confinamento social, a escola revela-nos os resultados de um estudo que teve por base as respostas de 452 inquéritos realizados a todos os professores e a alguns pais e alunos. Conclui-se que cerca de 86% dos alunos não encontrou dificuldades

no acesso às aulas e recursos disponibilizados pelos professores. Cerca de 60% dos alunos trabalha mais de quatro horas por dia e a maior dificuldade referida, tanto pelos alunos como pelos encarregados de educação, prende-se com o acompanhamento do ritmo de trabalho. Percebemos que enquanto professores caímos, de certo modo, na ratoeira de preparar demasiadas atividades o que nos obriga a refletir e a readaptar as aulas para as próximas semanas. É-nos pedido para evitar marcar trabalhos de casa a serem entregues no dia seguinte e antecipar o envio das aulas com 24 horas de antecedência, o que permite aos alunos avançar com o estudo segundo o seu ritmo e diminuir eventuais tempos mortos entre aulas. Espera-se que sejam privilegiadas as interações usando vídeo ou áudio e que se limite a necessidade de imprimir documentos. De uma maneira geral, tanto alunos como encarregados de educação revelam uma grande satisfação pelo trabalho desenvolvido pelos professores durante este período.

Após seis semanas de aulas dadas em regime de confinamento social, o mês de abril chega ao fim. Posso concluir que para assegurar o ensino à distância nas melhores condições considerou-se importante:

- Fazer um grande uso da Pedagogia. Todas as tarefas, atividades e exercícios devem ser bem explicados. Não se deve descurar o conteúdo, mantendo aulas de grande qualidade científica, nem se devem esquecer os aspetos formais: uso de caracteres especiais, sublinhados a cores diferentes, repetir a mesma informação nos diversos suportes utilizados (neste caso o site da Escola e as ‘salas de aula virtuais’ criadas no *Google Classroom*), e diversificar os recursos, como os vídeos, *powerpoints*, imagens, mapas e textos. As regras devem ser claras e deve-se zelar pelo seu cumprimento. A pontualidade e o bom comportamento numa vídeo-aula são tão importantes como numa aula presencial. Os prazos devem ser respeitados e o empenho deve ser valorizado;
- Manter um contato regular com os alunos, respondendo exaustivamente à suas dúvidas e mensagens e criando momentos de vídeo-aula ao iniciar um capítulo e ao finalizá-lo. Estar atento às possíveis ausências e comunicá-las à escola (na escola existe um departamento designado por *Vie Scolaire*, cujos funcionários coordenam uma comunicação importantíssima entre os alunos, as suas famílias e a escola). Privilegiou-se o *Gmail* por ser usado por todos os alunos e professores, mas muitas vezes também se comunicou pelo *Google Classroom* sob a forma de mensagens, comentários publicados e, naturalmente, durante as vídeo-aulas;
- Readaptar a quantidade de informação transmitida ou o volume de trabalho proposto, diminuindo-o em relação ao que era anteriormente realizado em aulas presenciais;
- Não limitar as aulas ao uso de recursos digitais. O manual escolar teve um papel de destaque em muitas das aulas. Por um lado, não se desperdiça um recurso completo e de grande qualidade científica e pedagógica e, por outro lado, o seu uso permite uma pausa no uso intensivo do computador, que em muitas famílias é partilhado com os irmãos ou com os pais;
- Limitar a utilização dos recursos digitais a uma plataforma, neste caso o *Google Classroom*, para minimizar a migração entre diferentes sistemas e tornar mais fácil e uniforme a transição para as aulas dadas à distância, existindo ganhos na comunicação entre alunos e professor;
- Tentar reduzir ao máximo a necessidade de imprimir documentos. Deste modo, nas aulas em que era pedido para escrever ou completar exercícios usou-se o formato Word em que os alunos podiam facilmente usar o mesmo documento para acrescentar as suas respostas e enviá-lo ao professor para, posteriormente, ser corrigido;
- Apelar à autonomia dos alunos e nunca descurar os diferentes ritmos de trabalho. Para isso é importante estabelecer semanalmente as tarefas a realizar, publicar vários blocos de aulas, simultaneamente, o que permite que os alunos trabalhem ao seu próprio ritmo. Os que trabalham de um modo mais rápido podem avançar sem terem que esperar pelo próximo sumário.

No início do mês de maio preparo as próximas sete semanas de aulas. O contato presencial com os alunos e colegas não será possível neste ano letivo. Já não poderemos realizar a viagem pelas terras dos Templários, que levaria os alunos do sétimo ano até Tomar. Não iremos ver in loco a geomorfologia do litoral oeste, o museu da Lourinhã, o gótico do Mosteiro de Alcobaça, o deslizar vagaroso do Tejo em Almourol, com o seu peculiar castelo.

Tentarei, por um lado, compensar os alunos com uma viagem virtual, e, por outro lado, não desperdiçar a oportunidade de aprender com esta nova realidade!